

DISCIPLINA: Língua Portuguesa
PROFESSOR: Me. Urandi Rosa Novais
Turma: 2ª séries A e B
Discente:

Roteiro de Estudos II

Prezados(as) alunos(as),

Vamos estudar e discutir sobre a literatura brasileira, principalmente o período romântico, ou seja, o Romantismo brasileiro.

O primordial é vocês pensarem sobre uma ideia, um conceito de Brasil, pois o referido movimento buscava criar uma literatura verdadeiramente brasileira, e boa parte da produção literária desse movimento buscou construir uma imagem do Brasil para seus leitores.

Além do mais, o nosso propósito é construir um debate, dialogando entre aquele período e o nosso Brasil atual. Para isso, manteremos uma relação com as produções daquele momento com as produções artístico-literárias atuais.

Para além do material oferecido, nesse roteiro de estudos, agucem a curiosidade e a busca pela construção de conhecimentos. Por isso, pesquise, levante dúvidas, para nossos futuros debates, em sala de aula.

De início, nossos estudos estarão pautados nesses instrumentos:

- Inicialmente, será apresentado um breve panorama de como surgiu esse movimento, quais seus objetivos, alguns autores e o contexto histórico e social da época. Texto: “O Romantismo no Brasil”.
- Dois poemas, “Navio negreiro” e “Vozes da África”, de Castro Alves. (Material em PDF).
- Duas músicas, “Navio negreiro”, Caetano Veloso e Maria Bethânia (<https://www.youtube.com/watch?v=4GMfHx7XeUY>); e a música “Brasil”, Cazuza (<https://www.youtube.com/watch?v=6yQv3FIdXFo>).

O Romantismo no Brasil

Após a Independência do Brasil cresce ainda mais o sentimento nacionalista e intensificam-se tendências já cultivadas na Europa, como a busca do passado histórico e a exaltação da natureza. Aliado a esses fatores, havia enorme interesse do novo governo em ofuscar as crises sociais, financeiras e econômicas geradas por nossa separação da corte portuguesa.

A política nacional passava por um momento conturbado: o autoritarismo de D. Pedro I representado pela dissolução do Congresso e pela outorga de uma Constituição, a luta pelo trono português que acaba por aclamá-lo Pedro IV, a Confederação do Equador e a abdicação. Sem contar o assassinato de Líbero Badaró, o período regencial e a prematura maioridade de D. Pedro II.

Contudo, a independência política teve suas consequências socioculturais: surgem as instituições universitárias e um público leitor. Os escritores são os principais intérpretes dos anseios desse novo quadro social. E foi assim, nos folhetins, que o Romantismo ganhou corpo e conquistou mentes e corações dessa nova geração leitora, formada, em especial, por senhoras ricas da sociedade e estudantes que agora fervilhavam na capital.

Os valores do Romantismo europeu adequavam-se às exigências ideológicas dos escritores brasileiros, opondo-se à arte clássica, que, por estas terras, era sinônimo de dominação portuguesa. O Romantismo voltava-se para a natureza, para o exótico, encontrando aqui uma natureza exuberante, própria à grandiloquência do estilo. Tudo contribuía para os maiores delírios ufanistas que uma jovem pátria poderia proporcionar.

A gênese do Romantismo

A publicação, em Paris, da revista *Niterói* (1836) foi o grande passo para a deflagração do movimento romântico. A revista estampava em sua primeira página: “Tudo pelo Brasil e para o Brasil”. A produção foi elaborada por intelectuais que estudavam na Europa, propondo a investigação “das letras, artes e ciências brasilienses”. Um desses jovens, Gonçalves de Magalhães, lançaria no mesmo ano o livro que é considerado o marco do Romantismo no Brasil: *Suspiros poéticos e saudades*.

Contudo, o projeto dos autores românticos não se realizou completamente, já que seus princípios “nacionalistas” estavam, em maior ou menor grau, comprometidos com uma visão europeia de mundo. Esse nacionalismo, feito de imagens exteriores, continha mais paisagem do que qualquer ideologia.

Além disso, os escritores desse primeiro momento viviam à sombra do poder, exercendo importantes cargos políticos, como ministros, secretários, embaixadores, burocratas do alto escalão. Esse fato certamente os comprometeu com a classe dominante, daí fugirem da escravidão e da pobreza, ignorando os privilégios das elites e a miséria das ruas, ou mesmo a violência que já se espalhava pelas ruas das nossas cidades. Talvez tenha sido esse um pensamento de mercado, tendo em vista que ele apenas correspondia às expectativas de seus leitores. A celebração do idílio e da natureza, a mitificação das regiões e do índio, criava uma arte conservadora, muito ao gosto do público que a consumia.

As Fases do Romantismo Brasileiro

O estudo do Romantismo pode ser dividido em três gerações distintas, sem que isso signifique uma separação rígida entre elas. Devemos entender que cada autor passeia pelas gerações assumindo com maior ou menor intensidade características em voga na época. É fundamental perceber que há também uma grande diferença entre as obras produzidas em prosa e poesia, já que adotam características distintas, atendendo a interesses específicos no quadro de leitores.

Esses três momentos distintos, caracterizam-se por apresentar temas e visões de mundo diferenciadas. Cada geração assume uma perspectiva própria, embora sejam todas elas marcadas pelo caráter romântico. Contudo, os elementos que definem cada uma delas não lhes são exclusivos, demonstrando pontos de contato de forma bastante acentuada.

A primeira geração é chamada de nacionalista ou de indianista. Nela, revela-se com intensidade o sentimento nacionalista, marcadamente a saudade da Pátria, a valorização da natureza, um retorno à religiosidade cristã. Além disso desenvolve-se uma espécie de novo amor cortês, platônico e impossível, retomando as novelas de cavalaria europeias da Idade Média. O índio surge nesse contexto como o verdadeiro herói nacional, muito em razão de substituir figura do cavaleiro medieval, inexistente na história brasileira. Esse índio apresenta valores clássicos e comportamento europeu.

A segunda geração, subjetivista, ficou conhecida como Ultrarromantismo ou Mal-do-século. Influenciados pelo poeta Inglês Lord Byron, a geração também leva a alcunha de *byronista*. Os poetas ultrarromânticos abordavam os temas do tédio, da morte, do suicídio, das sombras, da dor e do sofrimento. O medo de amar era constante e levava à evasão poética. Tais fugas levavam a lugares exóticos, à própria infância e, mais comumente à morte.

A terceira geração é marcada por uma forte preocupação social, influenciada pelos movimentos abolicionista e republicano que ganhavam força no cenário político. A geração condoreira, como ficou conhecida, faz a denúncia da escravidão, defende as causas humanitárias, canta a liberdade, opõe-se à monarquia. No campo dos sentimentos, a sensualidade volta à tona e surge um amor erótico, possível de se realizar. É, em verdade, um momento de transição do Romantismo para o movimento Realista que já começa a se manifestar em alguns autores.

Fonte: (<https://www.proenem.com.br/>, adaptado).